

Elke Hering e aquilo que nos escapa¹

Daiana Schwartz

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da UDESC. Linha de Pesquisa: Teoria e História da Arte. Bolsista PROMOP pela UDESC. Possui graduação em Artes Plásticas – licenciatura pela Fundação Universidade Regional de Blumenau (2004). Experiência na área de artes visuais com trabalhos em exposições coletivas, individuais e salões de arte.

Resumo. Este artigo abordará os recorrentes discursos místicos e míticos sobre os trabalhos da artista brasileira Elke Hering (1940-1994) através dos textos de críticos de arte, matérias jornalísticas e depoimentos. Tanto sua produção quanto as declarações feitas pela artista sobre seus trabalhos, reverberam nos textos produzidos sobre sua vida e obra. Ao buscar informações sobre a artista em artigos de jornais e catálogos, percebemos que o discurso romântico e místico serviu de alicerce para diferentes autores ao longo do período de produção da artista.

Palavras-chave. Elke Hering, mística, mito e crítica de arte.

Elke Hering and what it escapes

Abstract. Approaching the writings of art critics, newspaper articles and interviews, this paper discusses the use of mystical and mythical discourses about the work of Brazilian artist Elke Hering (1940-1994). Both production and the statements made by the artist about her art reverberate in the texts produced about her life and work. The information about the artist in newspaper articles and catalogs, reveal that the romantic and mystical speech served as the foundation for different authors throughout the production period of the artist.

Keywords. Elke Hering, mysticism, myth and art criticism.



Do mito

Genialidade, habilidade, sensibilidade e talento são alguns dos adjetivos recorrentes na mídia, em trabalhos acadêmicos e na crítica especializada para definir o artista. Ao falar dele, encontramos em muitos textos palavras que o distinguem dos demais seres humanos. É comum utilizar uma estruturação mítica para elaborar um discurso que evidencia algumas de suas características como: sua origem, sua precocidade, sua ascendência, seu aprendizado, sua disciplina, sua obstinação, suas conquistas, suas viagens, seu sofrimento, sua solidão, sua natureza interior, seu domínio técnico, seu reconhecimento social, entre outros. De forma permanente em nossa sociedade, o mito, neste caso, do artista, se diferencia da experiência ordinária da vida cotidiana.

A valorização do artista enquanto indivíduo preocupado com questões que se situam no interior de si mesmo está ligada diretamente com o movimento Romântico da Europa do século XIX. O romantismo surge em contraposição aos ideais clássicos que estavam pautados na rigidez e no racionalismo. Com o crescimento da técnica e do desenvolvimento advindos da Revolução Industrial, os românticos seguiam na direção contrária, na tentativa de cada vez mais se aproximar da natureza. Tema central, a natureza compreendida a partir da interioridade como sinônimo de sentimento, um voltar-se para si mesmo. (NUNES, 1978, p. 81).

O indivíduo romântico se alicerça na exaltação do gênio, no individualismo, nos excessos sentimentais, na crença da intuição e nos gestos espontâneos. Todas estas atitudes o fazem se aproximar do

forte teor místico, recusa os padrões objetivos da religião, pregando a experiência fervorosa. Importa-lhe, sobretudo a vivência religiosa que se processa na intimidade subjetiva do indivíduo e que o conduz, pelo exercício intenso e sincero da emoção e do sentimento devotos [...] (ROSENFELD; GUINSBURG, 1978, p. 266).

Na medida em que a natureza se aproxima da vida do homem romântico, a reivindicação da racionalidade se afasta da concepção de arte romântica, diminuindo, assim, a distância entre o ser e os vínculos mágicos, míticos e religiosos.

Ao tomar estas reflexões sobre o romantismo, podemos observar como a sociedade contemporânea continua retomando o caráter romântico quando trata do artista. Neste artigo problematizaremos a relação entre o mito do artista



e o misticismo presentes na vida e obra da artista Elke Hering (1940-1994)². Ao buscar informações nos escritos sobre a artista, percebemos que o elo romântico continua presente nos dias atuais.

A crítica de arte Adalice Araújo em seu artigo *Elke Hering Bell e o Fenômeno Catarinense*, escrito em 1976, narra a primeira experiência de Elke Hering no mundo artístico, quando partiu para a Alemanha em 1958 para estudar na Academia de Belas Artes de Munique. Araújo (1976, p. 2) utiliza da “intimidade subjetiva do indivíduo” para descrever a experiência da artista:

[...] de Blumenau a Munique a transição seria muito violenta, iniciando-se todo um processo de crise psicológica provocada pela confrontação de valores existenciais, a solidão, o frio e a escuridão dos longos invernos de Munique. Elke fecha-se em si mesma, desenha horas a fio, passando semanas sem conversar com ninguém. Como anos atrás já havia feito os malditos do *Blaue Reiter*, limita-se a escutar todos os gritos, os seus e os da natureza. Seus desenhos da época apresentam certa deformação expressionista, que bem traduzem aquele estado de inquietação.

Expressões como: transição violenta, crise psicológica, valores existenciais, solidão, frio, escuridão e estado de inquietação são artifícios utilizados pela crítica de arte que fazem parte da alma romântica, transmitindo um estado de permanente marginalidade, inadaptação e fuga. Ao citar o movimento que iniciou em 1911 em Munique, o *Der Blaue Reiter*³, Araújo (1976) aproxima o comportamento da artista durante sua estada na Alemanha, com este grupo de artistas que buscava ver a natureza e o homem a partir das experiências individuais, de uma arte pessoal que nascesse da necessidade interior. Ao tratar do romantismo, Guinsburg e Rosenfeld (1978, p. 268) afirmam que “a história pessoal, as paixões e traços de personalidade do artista passam a responder pela natureza e caráter da criação de arte. A obra tende a ser confundida com o autor [...]”.

Como podemos observar, mais do que analisar as obras da artista, Araújo (1976) salienta e demarca com grande importância, o estado emocional vivido pela artista. Também encontramos este discurso no próprio relato da artista quando fala dessa experiência em Munique: “entrei num momento de depressão e comecei a trabalhar muito para tentar me encontrar, ser artista, porque eu me perdi totalmente.” (ALTSCHUL, 1985).

Adalice Araújo descreve ainda como Elke Hering inicia sua trajetória no mundo das artes. Sobre a biografia da artista, a autora utiliza de um item fundamental na estrutura do mito: a origem. Para que o pensamento mítico seja compreendido, é necessário conhecer a origem do mito, na qual pertence



ao reino do extraordinário. Em seu livro *Mito e Realidade*, Mircea Eliade (2007, p. 83) afirma que “o conhecimento da origem e da história exemplar das coisas confere uma espécie de domínio mágico sobre as coisas. Mas esse conhecimento abre igualmente o caminho para especulações sistemáticas sobre a origem e as estruturas do mundo”.

Tudo começou em 57 num dia em que a adolescente Elke Hering, 17 anos, esqueceu a “*jeunesse dorée*” a que pertencia por nascimento, para se dirigir à igreja nova de Blumenau, a fim de – em meio a gente simples – disputar uma vaga de ajudante do pintor Lorenz Heilmair de Munich, que ali estava para concluir os 700m² de vitrais que criara. Não sabia ela que estava assim mudando o seu destino, e o da Arte de Santa Catarina. (ARAÚJO, 1976, p. 1).

Para conferir um “domínio mágico” ao início da carreira de Elke Hering, no relato acima, observamos que a autora em primeiro lugar destaca a excepcionalidade da artista por começar sua vida artística precocemente, ainda na adolescência. E em segundo, evidencia certa humildade por parte da artista marcada pela disponibilidade em não reivindicar seu berço para conquistar a vaga de ajudante, atitude esta característica do mito moderno. E por fim, Araújo delega à artista que esta iniciativa iria acarretar uma transformação em sua vida e na vida artística do estado de Santa Catarina.

Ainda tomando a origem como ponto de partida, encontramos desta vez, textos que revelam Blumenau – a cidade de nascimento da artista – como o espaço de vigor e procedência para a criação de seus trabalhos. Após a morte de Elke Hering em 1994, o crítico de arte Lindolf Bell (1994, p. 3) escreve sobre a trajetória da artista citando a região que vivia, o Vale do Itajaí⁴, como o lugar primordial para suas produções:

o referencial criativo de Elke Hering situa-se no Vale do Itajaí. Ali nasceu, cresceu, ali viveu. A multiplicidade de natureza atemporal desta região e alguns arquétipos da recente civilização de emigrantes europeus encontram guarida na obra desta artista brasileira.

Seguindo na mesma compreensão de que seu potencial artístico está intrinsecamente ligado ao seu lugar de nascimento, o crítico de arte Péricles Prade (1970), salienta que a paisagem do Vale do Itajaí só poderia ser evidenciada por poucos, delegando, assim, o caráter mítico à imagem da artista. Prade segue dizendo que: “daí estarem representados o maravilhoso e mágico de uma região vitalizada pela força de uma natureza física e espiritual cuja beleza foi descoberta, apenas, por alguns privilegiados [...] e que [...] só uma sensibilidade maior pode expressar.” Ambos os autores, ao denominar a região em que a artista nasceu e residiu como um lugar frutífero de criação, buscam estabelecer uma ligação da



biografia da artista com estruturas tidas como atemporais que constituiriam a região e que são expressadas de maneira singular na obra da artista.

Textos que tratam sobre os aspectos da vida cotidiana do artista, frequentemente destacam singularidades. São observadas características peculiares que permitem olhar a vida deste sujeito de maneira incomparável, que o torne única e extraordinária. O sociólogo e antropólogo francês Roger Caillois (1970), em seu livro *O Homem e o Sagrado*, apresenta uma relação entre o poder e o sagrado onde ambos exercem um encanto superior, em que o interlocutor passageiro é o indivíduo. Mas este poder não emana de quem o tem, e sim de quem o delega. Para Caillois (1970, p. 90) quem recebe o poder se afasta da condição comum, sua vida cotidiana deve ser vista de maneira completamente diferente, sem permitir que seja comparada com os demais.

Podemos observar esta estrutura na matéria intitulada *As esculturas de Elke, grandiosas e sensuais*, que relata o ambiente de trabalho, a região e a ascendência da artista. A matéria descreve o ambiente da casa da artista de maneira que o torna único, dando ênfase na decoração inconventional, “os móveis, muito poucos. Nem são necessários. A presença e a obra de Elke Hering preenchem o vazio da grande casa em estilo germânico.” (CASTRO, 1986, p. 13). Destaca também as influências germânicas como forma de distinção social, já que se trata de uma região de colonização européia, no caso da cidade de Blumenau. Por consequência disto, outra maneira de torná-la uma pessoa incomum, é mencionar o fato de a artista pertencer a uma família de ascendência da elite industrial da cidade. Todos estes elementos destacados contribuem ao mesmo tempo para, distanciar e encantar o leitor sobre os aspectos da vida da artista.

Estes mesmos textos, que trilham por caminhos que identificam o artista pelas suas peculiaridades, tão logo assimilam-no como gênio. O gênio é um ser que foge à regra, ele não precisa seguir as leis que regem a convivência humana. Ao contrário dos outros, é na potencialização de sua excentricidade que se justifica sua genialidade. Para Gerd Bornheim (1978, p. 82), “[...] a expressão máxima da natureza é o gênio, insubmisso a qualquer tentativa de definição.” A impossibilidade de definir o gênio se dá pela incapacidade de explicá-lo racionalmente, buscando na transcendência sua explicação.

A seguir, nos dois textos escritos sobre os trabalhos de Elke Hering, é perceptível que os argumentos buscados para justificar a autenticidade, são definidos através da busca interior da artista. O artista plástico e crítico de arte João



Otávio Neves Filho, dito Janga (1994, p. 13), quando escreve sobre Elke Hering entende que: “a arte é o caminho da interioridade, e só o artista autêntico, disposto a enfrentar o trabalho interior sério e compenetrado de autoconhecimento, é capaz de exprimir-se com força e autenticidade de que são portadoras suas obras.” Também o crítico de arte Harry Laus (1985, p. 2) ao comentar sobre o processo escultórico argumenta que suas esculturas:

tentam a abordagem do desconhecido, da dimensão que escapa a nosso entendimento, cuja busca da grandeza ao ser humano porque se expande para além de nosso conteúdo físico. Essa parte intuitiva – transcendendo a uma contemplação descuidada – acresce valor ao ato de criação e conclui o sentido da palavra artista.

A imagem do artista é tecida por vários fragmentos construídos ao longo de sua trajetória. As referências citadas sobre a artista neste artigo dão unidade a este conjunto de narrativas na medida em que todos buscam mitificar sua vida. As palavras que iniciaram o texto contribuem para a formação de um discurso em torno desta personagem. Deste modo, outorgam para a obra de arte – parafraseando Harry Laus – a “dimensão que escapa ao entendimento” constituindo significados que estão fora da própria obra. Este “escapar” permite que os escritos sobre arte recorram ao mito, e, por conseguinte, à dimensão mística quando traduzem em palavras o comportamento e a obra do artista.

Da dimensão que escapa a nosso entendimento

Em meio a cartas, documentos pessoais, matérias jornalísticas, fotos, entrevistas, catálogos e convites, encontramos dentre as caixas arquivadas sobre a artista no arquivo histórico de Blumenau⁵, uma diversidade de materiais de conteúdo místico. Em 1972, o *Jornal de Santa Catarina*, publicou uma matéria sobre a presença da mística na vida de Elke Hering. Nela, cita o encontro da artista com um astrólogo. A matéria segue dizendo que “essa inclinação para o misticismo a faz estudar astrologia como ciência, que dia a dia se aperfeiçoa.” (BECCON, 1972, p. 10). Veremos que a predominância dos estudos místicos torna-se ponte de ligação com sua produção artística.

Com o título da matéria *Seu mundo real seria na Índia*, Elke declarou que gostaria de morar em Auroville⁶, uma comunidade internacional localizada na Índia. Esta cidade foi construída com o propósito de ser uma cidade universal, onde procura a mudança interior de cada um em si mesmo, com um modelo que busca a solução material e espiritual para as dificuldades humanas de maneira construtiva. Sobre Auroville, Elke declara: “[...] lá a função do homem é a sua



realização. Pratica-se ioga, discute-se todos os problemas que surgem e medita-se profundamente.” (BECCON, 1972, p. 10).

Ao lidar com essas novas formas do mundo espiritual, Roger Caillois (1970) fala da interiorização do sagrado, do abandono progressivo que o mundo moderno impõe sobre as práticas sagradas que necessitavam serem realizadas simultaneamente. Ou seja, “em breve a religião passa a estar dependente do homem e não já da coletividade.” (CAILLOIS, 1970, p. 90). O autor esclarece o assunto ao afirmar que:

O sagrado torna-se interior e já não interessa senão a alma. Vê-se crescer a importância da mística e diminuir a do culto. Qualquer critério exterior aparece insuficiente a partir do momento em que o sagrado se prende menos a uma manifestação objetiva que uma pura atividade de consciência, menos a cerimônia que ao comportamento profundo. Nestas condições, é com razão que se emprega a palavra sagrado fora do domínio propriamente religioso para designar aquilo a que cada qual vota o melhor de si mesmo, aquilo que cada pessoa considera de valor supremo. (CAILLOIS, 1970, p. 90).

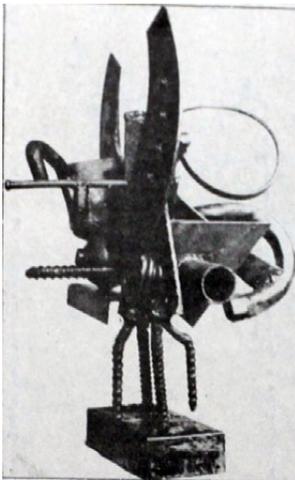


Fig. 1 - Elke Hering: *Scorpius*, 1965, ferro soldado, 45x42x75cm.

Fig. 2 - Fachada do ateliê da artista com símbolo astrológico. Fonte: Arquivo Rafaela Bell.

No início de sua carreira artística, durante a década de 1960, Elke Hering produziu uma série de esculturas em ferro, utilizou objetos e pedaços de metais acoplando-os através da solda. A transformação dos materiais cotidianos em uma unidade escultural não buscava dar visibilidade somente ao fragmento, e sim



ao conjunto composto por estes fragmentos. Para a artista, a escultura *Scorpius* (Fig. 1), de 1965, segue “representando a metamorfose do homem, são trabalhos de uma época de revolta interior.” (BECCON, 1972, p. 10). Esta característica é ressaltada pela escolha do nome da obra, de caráter astrológico pertencente a uma constelação do zodíaco.

Mapa astral e apostilas sobre temas místicos como astrologia, astrodinamismo, astrosofia e teosofia, foram encontrados dentre as caixas da artista no arquivo histórico, exceto ao curso introdutório de teosofia, são de autoria de Emma Costet de Mascheville⁷. Trata-se de cursos feitos por Elke Hering por correspondência, datados entre os anos de 1974 a 1980. É possível perceber a influência dos seus estudos astrológicos sobre a vida de Elke Hering, quando no final da década de 1970 incorpora o símbolo astrológico terra na sua assinatura artística, bem como a colocação deste símbolo na fachada do seu ateliê em Blumenau (Fig. 2). Sobre o seu trabalho, a artista declara que eles “[...] tem toda uma ligação existencial, e a obra mística é isso, sobrevive pelo seu mistério, deve sempre ter uma expressão.” (ESCULTURA DE ELKE HERING, 1986). Para ela a obra de arte é “[...] a síntese de todo o momento emotivo, e racional, filosófico e místico.” (ALTSCHUL, 1985). Em 1977, Elke Hering produz um painel de madeira (Fig. 3) que introduz formas ligadas a temas da natureza como a árvore, a água, o sol, juntamente com símbolos encontrados na apostila sobre astrologia de autoria de Mascheville, como os dois triângulos entrelaçados colocados em cada uma das extremidades do painel.

A leitura mística feita sobre os trabalhos de Elke Hering também estão presentes nos textos dos críticos de arte. Ao citar vários nomes de artistas catarinenses que trabalham com o “fantástico” fazendo alusão a símbolos mítico-eróticos, Adalice Araújo (1976) atribui aos artistas blumenauenses o uso destas temáticas ao fato deles terem vivido no meio de um cenário industrializado e tecnocrata. A crítica de arte, ao fazer uma leitura sobre os trabalhos de Elke durante o início dos anos de 1970, chamados por ela de “nacional-surrealistas” segue dizendo que sua obra:

[...] mergulha nas raízes da terra, na monumentalização dos seres, nas figurações astrológicas de conteúdo mágico. Há toda uma ligação onírica dos elementos: na natureza que sugere símbolos fálcos e na fertilidade da mulher que se confunde com a fertilidade do vale. Na expressão telúrica do homem, da mulher e da terra “barriga-verde”, sobrevive o ritual de Xiva, definido teopaticamente pela doutrina das Puranas como experiência mística de identidade entre um Deus único e o Universo. (ARAÚJO, 1976, p. 2).



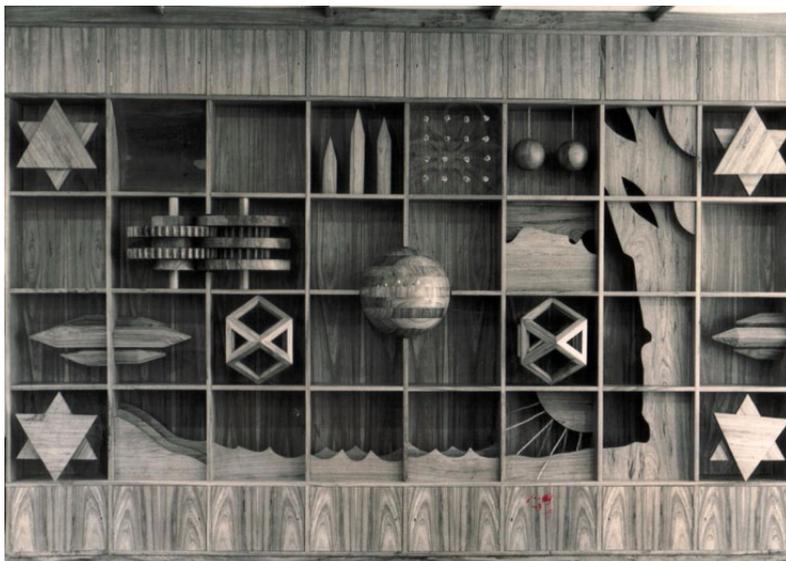


Fig. 3 - Elke Hering: *Sem título*, painel de madeira, 1978, 3,84x2,65m. Acervo Banco do Brasil, Blumenau, SC. Fonte: Arquivo Rafaela Bell.

Da mesma forma que a modernidade produziu uma exaltação ao racionalismo, no campo das artes, há uma série de movimentos artísticos que criaram uma reação a isso, como, por exemplo, o Romantismo e o Simbolismo no século XIX e o Dadaísmo e o Surrealismo no século XX. Todos eles trouxeram uma avaliação positiva do sonho e do onírico, cujo resultado foi a descoberta do inconsciente (DURAND, 2004, p. 35). Desta maneira, a primeira parte do texto salienta seu caráter surreal, hibridizando divindades hinduístas com a paisagem local. A valorização das culturas e religiões orientais, principalmente a indiana, relativa ao legado romântico, retorna no final da década de 1960 passando por uma atualização dos movimentos juvenis de contracultura. Depois de salientar a presença de elementos oníricos nos trabalhos de Elke, Araújo (1976) ressalta todas as características místicas em seu trabalho. Destaca a presença da fertilidade e de toda a simbologia hinduística sobre elementos naturais como: fogo, água, vento, terra, lua, sol e o espaço.

Outros textos críticos sobre as primeiras décadas de seu trabalho igualmente evidenciam o “conteúdo mágico” a que Araújo se referiu. Sobre isto Janga (1994, p. 13) diz: “parece-nos inclusive que foi através do desenho solto e descontraído que a artista foi libertando-se de uma abordagem mais racionalizante



e incorporando elementos mais dionisíacos interpenetrados das indagações da esfera do não racional.” Péricles Prade, também evidencia a presença de referenciais da natureza (com destaque a do Vale do Itajaí) como sendo de inevitável influência do mundo interior e exterior da artista. Prade (1970) afirma que: “ao identificar-se com esse mundo vislumbra-se o parentesco espiritual [...]” e finaliza “para ela ser artista não deixa de ser uma forma de oração.”

É possível construir uma cartografia de sua vida através dos lugares em que passou, da bibliografia que guardou, das declarações que pronunciou, e do acervo imagético que deixou. Todos estes rastros demonstram a aproximação de Elke Hering com o mundo oriental. Elke nasceu em meio a uma família de tradição luterana e a experiência de ter morado em Munique por mais de três anos pode ter contribuído para sua aproximação com a teosofia e o oriente. No artigo *Sobre os místicos modernos. A propósito de Xul Solar*, a historiadora Maria Bernadete Ramos Flores (2012) aborda o contato que o artista argentino, Xul Solar, teve com místicos na Alemanha no início dos anos de 1920 no subúrbio de Schwabing, na cidade de Munique. Conhecido como o bairro dos artistas, Schwabing reunia “teosofistas, místicos, gnósticos, taoístas, budistas, neobudistas e também niilistas, sindicalistas, bolcheviques e pacifistas.” (FLORES, 2012). Não há informações sobre o conhecimento de Elke sobre Schwabing, mas possivelmente as discussões no entorno deste subúrbio chegavam, mesmo décadas mais tarde, até os estudantes de artes na cidade de Munique.

O interesse pelos pensamentos orientais que circularam em Schwabing se encontra também na teosofia. Dentre os pertences da artista, encontramos o *Curso de Introdução ao Pensamento Teosófico* que busca seus fundamentos nos “[...] ideários acerca da natureza humana e sua constituição, da origem e destino do homem, como também das leis que regulam o funcionamento dos vastos processos da vida.” (OLIVEIRA, s.d). O pensamento teosófico influenciou significativamente na constituição da artista. Em uma entrevista perguntaram como e quando surgiu a possibilidade de ser artista e ela declarou que: “dentro de minha memória tenho registrado as primeiras impressões de clima mágico de um imenso jardim, no qual vivi meus primeiros anos de vida. As primeiras perguntas quem fez isso tudo, de onde venho, pra onde vou, me acompanham até hoje.” (ELKE HERING, 1983, p. 9). Para a artista, seu processo de criação produz uma comunicação entre ela e a matéria, que leva a estados profundos de entendimento. Ao tratar sobre suas esculturas de figura humana ela afirma que: “a minha escultura tem uma coisa, ela é ligadíssima a todo meu processo de criação, é um processo mágico e misterioso.” (PISANI, 1983).



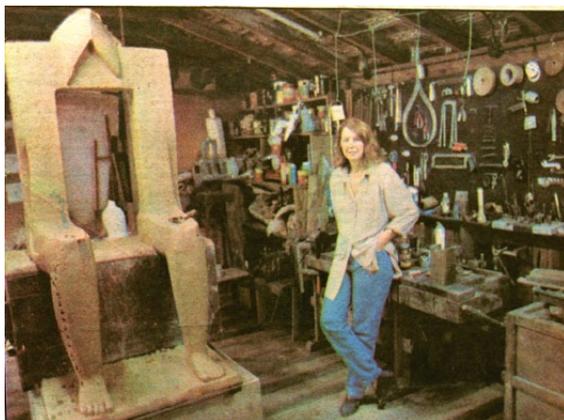


Fig. 4 - Elke Hering: *O Guardião*, 1988, concreto, 2m de altura.
Fonte: Arquivo José Ferreira da Silva. Blumenau, SC.

Em 1988, Elke produz a escultura em concreto intitulada de *O Guardião* (Fig. 4) que foi instalada ao ar livre no campus da Universidade Federal de Santa Catarina, em Florianópolis. A escultura foi colocada com sua frente voltada para o poente e traz no seu nome a referência de um ser superior em distintas tradições místicas. As declarações da artista sobre esta escultura são de conotação transcendente ao declarar que “o guardião vigia o desconhecido, todos os mistérios que estão à nossa volta.” (RATES, 1988, p. 11). A obra representa uma figura humana sentada com um grande quadrado vazado no centro, que para ela, simboliza “o umbral, a passagem de um nível para o outro.” (RATES, 1988, p. 11). Ao declarar a “passagem de um nível para o outro” a simbologia presente na escultura, está ligada à ideia de um plano transcendente, sobre-humano. Para Eliade (2007, p. 83) “é através da experiência do sagrado, do encontro com uma realidade transumana, que nasce a ideia de que alguma coisa existe realmente, de que existem valores absolutos, capazes de guiar o homem e de conferir uma significação à existência humana.”

Na entrevista concedida ao jornal *Diário Catarinense*, perguntaram sobre seu lado esotérico e místico, e ela respondeu:

o que nós somos aqui, um pedaço de matéria, um pedaço de uma poeira cósmica, que vive, que nasce, cresce, morre e acabou-se. Eu sempre me contrapus muito a isso, eu achava que sempre existia uma coisa a mais, tanto é que a arte pra mim é especialmente este algo a mais. (UMA VISIONÁRIA, 1994, p. 5).





Fig. 5 - Elke Hering: *Colete Espacial* (frente), 1979, bronze, 56x35x56cm.
Fonte: Arquivo Rafaela Bell.

Sobre a leitura de seus últimos trabalhos em cristal, principalmente as esculturas de anjos, Dennis Radünz (1999) escreve sobre a leveza do cristal e a relação que Elke estabelece com o material: “[...] depurando a si mesmo como se moldasse o fogo, revelou a luz de sua trajetória interna – e eterna, porque presente sempre.”

Em outros trabalhos de Elke Hering há diversos textos de explicações transcendentais, como na escultura de bronze *Colete Espacial* (Fig. 5) realizada em 1979. Radünz (1999) escreve que “o *Colete Espacial* revela-se na pele da cidade como se fosse o poro por onde expirasse o firmamento efêmero. Os interiores do infinito habitam o oco casulo dessa escultura em bronze [...]” e prossegue ao dizer que o colete “contém o espaço inumerável da metáfora: ele respira-se, porque infla e então flutua, muito além do mar remoto da matéria.” Ao acompanhar o mesmo argumento de Radünz, a crítica de arte Lygia R. Neves (2009, p. 3) declara que “a peça solitária *Colete Espacial* é uma referência à certeza que a movia – a de que a esfera física é somente uma estação de paragem na travessia dos espaços, até que se alcance o corpo imaterial e apenas o espírito respire.” As duas análises sobre o *Colete Espacial* recorrem a uma leitura que está para além da obra, relegando a mesma um cunho alegórico. O mesmo acontece com a abordagem dos outros críticos, que percebem a obra de forma generalizante sem dar atenção a aspectos



singulares de cada peça. Desta forma, não se atendo as particularidades de cada escultura, ao analisar os trabalhos da artista, os trechos citados caracterizam um bloco de percepções similares e abrangentes traçando um panorama geral da produção de Elke Hering.

Mais do que as obras, os relatos, declarações e pronunciamentos feitos pela artista sobre seus trabalhos, reverberam nos textos que foram produzidos sobre suas esculturas. Estes escritos compostos na sua maioria por críticos de arte, concomitantemente, reafirmam o caráter romântico e transcendental dissipando as fronteiras entre a vida e a obra de Elke Hering. Os textos críticos pesquisados para compor este artigo se limitam à análise do discurso produzido, não das obras. Durante um longo período que atravessou três décadas, a começar pela década de 1970 até a de 1990, foi possível visualizar que o discurso de diferentes autores convergia, ou para a ênfase nas singularidades pessoais da artista, ou na construção de um argumento fundado na explicação mística. Neste caminho, o mito e a mística se auto-alimentam entre o discurso, a obra e a artista.

¹ O presente texto foi aceito para integrar os anais do VII Ciclo de Investigações do PPGAV/ UDESC, que aconteceu no Centro de Artes da UDESC, em Florianópolis, nos dias 18, 19 e 20 de junho de 2012.

² Nascida em 1940 na cidade de Blumenau em Santa Catarina, Elke Hering iniciou sua vida artística em 1958 quando foi para a Alemanha estudar escultura na Academia de Belas Artes de Munique. Desde então, dedicou-se a arte realizando trabalhos com desenhos, gravuras, pinturas, com grande ênfase na escultura. Produziu até 1994, ano em que veio a falecer.

³ Grupo de artistas expressionistas que exerceram atividades entre 1911 e 1913 na cidade de Munique na Alemanha. Potencializavam os aspectos espirituais da criação artística em contraponto com a estética racionalista.

⁴ Localizado na região nordeste do estado de Santa Catarina, toma como referência geográfica o rio Itajaí-Açu. No entanto, atualmente esta região é normalmente identificada como área de afirmação da identidade germânica no estado de Santa Catarina, devido aos processos de colonização na segunda metade do século XIX. Oficialmente, o Vale do Itajaí é composto por cinco municípios centrais entre eles a cidade de Blumenau, mais onze municípios na sua aérea de expansão metropolitana.

⁵ Arquivo Histórico José Ferreira da Silva vinculado à Fundação Cultural de Blumenau.

⁶ Comunidade internacional inaugurada com o aval da Unesco em 1968 no estado de Tamil Nadu, no sul da Índia. Atualmente, cerca de duas mil e duzentas pessoas de 45 países, vivem em Auroville.



⁷ Astróloga, nascida na Alemanha em 1903, foi educada na infância pela tia, Ida Hofmann, fundadora da primeira comunidade espiritualista e naturalista. Veio para o Brasil em 1925, quando conheceu seu marido, Albert Raymond Costet de Mascheville, que a iniciou em seus estudos de astrologia. Trabalhou por mais de 50 anos no ensino e aconselhamento do pensamento astrológico.

Referências

ARAÚJO, Adalice. Elke Hering Bell e o Fenômeno Catarinense. *Jornal O Estado*. Curitiba, p. 1-2, 04 mar.1976.

ALTSCHUL, Carlos. Entrevista com Elke Hering. Manuscrito. Arquivo Histórico José Ferreira da Silva. Blumenau, mar. 1985.

BECCON, Paulo. Seu mundo ideal seria na Índia. *Jornal de Santa Catarina*. Blumenau, p. 10, 04 fev.1972.

BELL, Lindolf. Escultora de linguagem sóbria. *Jornal A Notícia*, Caderno Anexo. Joinville, p. 3, 27 fev.1994.

BORNHEIM, Gerd. Filosofia do Romantismo. In: GUINSBURG, J. (org). *O Romantismo*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

CAILLOIS, Roger. *O homem e o sagrado*. Lisboa: Edições 70, 1970.

CASTRO, Cosette. As esculturas de Elke, grandiosas e sensuais. *Jornal Diário Catarinense*, Florianópolis, p. 13, 21 jul.1986.

DURAND, Gilbert. *O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem*. 3ª Ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2004.

ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

ELKE Hering. *Jornal A Notícia*. Joinville, p. 3, 17 mai.1983.

ESCULTURA de Elke Hering no MASC. *Diário Catarinense*. Florianópolis, p. 12, 17 set.1986.

FLORES, Maria Bernadete Ramos. Sobre os místicos modernos. A propósito de Xul Solar. In: ISAIA, Artur (org.) *Questões teórico-metodológicas no estudo das religiões e religiosidades*. Maringá/Paraná: EDUEM, 2012. No prelo.



- GUINSBURG, J. (org). *O Romantismo*. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- HERING, Elke. Carta manuscrita. s.d. Arquivo Histórico José Ferreira da Silva.
- JANGA. Tributo para Elke Hering. *Jornal Diário Catarinense*, Florianópolis, p. 13 mar. 1994.
- LAUS, Harry. Viagem em torno de Elke. p. 2, mai. 1985.
- NUNES, Benedito. A visão romântica. In: GUINSBURG, J. (org). *O Romantismo*. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- NEVES, Lygia Roussenq. Translucidez intensa de Elke Hering. *Ó Catarina!* Florianópolis, p. 3, 2009.
- OLIVEIRA, Pedro Rogério Moreno de. *Curso de Introdução ao Pensamento Teosófico*. Porto Alegre.
- PRADE, Péricles. Elke Bell, ou o equilibrado poder de duas naturezas. *O Estado*. 22 fev. 1970.
- PISANI, Osmar. *Elke: um percurso escultórico*. 1983. Arquivo do Museu de Arte de Santa Catarina. MASC. Florianópolis.
- RADÜNZ, Dennis. Leitora de precipícios de alma. *Jornal A Notícia*. Joinville. Caderno Anexo. Joinville. 1999.
- RATES, Zeni. O guardião do desconhecido vigia o mistério do campus. *Jornal O Estado*. Curitiba. p. 11, 21 dez.1988.
- ROSENFELD, Anatol; GUINSBURG, J. Romantismo e Classicismo. In: GUINSBURG, J. (org). *O Romantismo*. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- SCHMITZ, Paulo Clovis. O melhor da obra de Elke. *Jornal O Estado*. Curitiba. p. 10, 16 mai.1985.
- UMA retrospectiva de Elke Hering. No Paraná. *Jornal O Estado*. Curitiba. p. 11, 12 abr.1985.
- UMA visionária sempre a frente do tempo. *Jornal Diário Catarinense*, Florianópolis, p. 5, 21 fev. 1994.

